

Milhões de reais em recursos florestais na Mata Atlântica

Documentação

6/7/99 gm A-8

Regina Scharf
de São Paulo

A cultura da erva-mate gera mais de 700 mil empregos — tanto quanto a indústria automobilística. O palmito juçara movimenta US\$ 50 milhões no País e a araucária outro tanto. Tal riqueza é produzida pelo pouco que sobrou da Mata Atlântica, a floresta que já cobriu 17 estados costeiros e hoje se limita a 7% do original. Boa parte desses produtos ainda provêm de um extrativismo descontrolado, mas projetos de plantio ou manejo ganham terreno.

Um exemplo é a Cooperativa dos Produtores de Ostras de Cananéia, no sul do estado de São Paulo. Formada por 130 descendentes de quilombolas, ela está construindo uma estação de depuração capaz de limpar 40 mil dúzias mensais. Mais que isso: os cooperados montaram uma estrutura de engorda para produzir ostras durante os três meses do defeso, quando são proibidos de retirá-las do mangue. A preocupação procede. Quinze anos atrás, os produtores conseguiam tirar até 50% a mais, com menos esforço.

Experiências no gênero foram tema do I Seminário Nacional sobre Recursos Florestais da Mata Atlântica, encerrado na última sexta-feira em São Paulo. Promovido pelo Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, ele revelou uma prévia do amplo inventário de recursos florestais que está sendo coordenado pela instituição. "Temos que acabar com a história de que a floresta é improdutivo", diz Clayton Lino, diretor técnico do conselho.

Ele lembra, porém, que boa parte de sua produção beira a ilegalidade, como a extração de bromélias, palmito ou xaxim. Incluído numa lista nacional de espécies ameaçadas, o xaxim tem sua coleta proibida em matas nativas gaúchas. Mesmo assim, sua exploração mobiliza 104 extratores e fabricantes, a maioria em Santa Catarina e no Paraná. Em 1997, por exemplo, 15.421 vasos de xaxim foram exportados para a Alemanha.

O caso do palmito é parecido. O Ibama registra apenas 31 indústrias paulistas de palmito. Entretanto, 585 delas atuam no Vale do Ribeira, no sul do estado. "Apenas 10% do palmito extraído vem de plantio ou manejo", diz Lino. A capital paulista consome, sozinha, mais de 6 mil toneladas anuais. Para suprir tal demanda seria preciso degradar 4 mil hectares de mata virgem por ano.

Para Lino, o problema fundiário é um dos responsáveis pela exploração insustentável do palmito. "Ele tem legislação de proteção e tecno-

logia de manejo — mas a indefinição da posse da terra impede a estabilidade ou a sustentabilidade da produção". Além disso, ele lembra que é difícil lutar contra a tentação da clandestinidade.

A exploração desordenada também reduziu as matas de araucária; fornecedoras de madeira e pinhão, que ocupavam 37% do Paraná no fim do século passado, mas que hoje não passam de 0,5%. "O processo de coleta seletiva é tão intenso no Parque Nacional da Araucária, perto de São Joaquim (SC) que logo não haverá araucária por lá", disse Miguel Guerra, da Universidade Federal de Santa Catarina,

durante o encontro. "Como os palmiteiros, pequenos proprietários usam a floresta como poupança", explicou. "Em caso de necessidade, cortam o quanto precisam".

No fundo, parte do problema da floresta é a falta de conhecimento sobre seus mecanismos de recuperação. "Não há levantamentos sobre a capacidade de produção da Mata Atlântica", diz Carlos Novi, da Associação dos Produtores e Manejadores de Ervas Medicinais e Aromáticas do Vale do Ribeira. "Precisamos disso para dar sobrevivência ao vegetal e o homem".

Novi trabalha em Registro (SP), no Vale do Ribeira, na extração de 120 espécies de plantas medicinais, vendidas a laboratórios. Com apoio das agências ambientais, ele tomou iniciativa de promover um levantamento minucioso da capacidade extrativa de sua região. Um quilo de pfaia — vendida como tônico, antitumoral e afrodisíaco — sai por R\$ 15 em São Paulo.

O mercado de plantas ornamentais, também em expansão, é outro ameaçado pela coleta predatória. Dentre as 3 mil espécies e variedades de bromélias conhecidas, cerca de 2 mil vêm da Mata Atlântica.

"Em São Paulo, pode-se comprar facilmente a Imperial, uma espécie com até dois metros de diâmetro, que só dá no Parque Nacional da Serra dos Órgãos (RJ)", diz o biólogo João Vicente Nunes, consultor do inventário. Detalhe: é proibida a extração comercial de plantas de parques nacionais.

Uma das propostas para solucionar o problema, discutida durante o seminário, foi a criação de um mercado futuro para orquídeas. Sugerido pela economista Amyra el Kalili, ele financiaria projetos de produção sustentáveis. O conceito envolve a criação de um pregão, associado a um centro de comercialização especializado, que atestasse a procedência da mercadoria.

No geral, o seminário concluiu que há urgência de se adotar políticas públicas que criem instrumentos legais, econômicos e de mercado para incentivar o desenvolvimento sustentável na Mata Atlântica. Tais políticas incluiriam a promoção da fiscalização e da educação ambiental, além da organização e da capacitação dos produtores.

O encontro admitiu, porém, que nem todas as espécies da Mata Atlântica são exploradas de forma irresponsável. O exemplo mais evidente é o do caju, cuja área plantada no Nordeste pulou de 54 mil hectares para 700 mil ha entre 1965 e 1991. Ele já representa 40% das exportações do Ceará.

A cultura do mate, embora em grande parte extrativista, também é mais domesticada do que a média. Ele é produzido em 180 mil propriedades familiares e processado por 725 indústrias no Sul e no Mato Grosso do Sul. "A maioria adensa bosques nativos, o que garante mais qualidade do que o plantio solteiro (isolado)", diz Fabiana Andrade, da Baldo, maior exportadora nacional, com faturamento de R\$ 70 milhões — sendo metade com o mate.

A Fundação Florestal, ligada à Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo, acaba de lançar um boletim — "Nativas" — para divulgar oportunidades de negócios com produtores que respeitam a Mata Atlântica. Ele traz, por exemplo, a cotação de mudas de palmito, sementes de espécies variadas, ostras e mexilhões manejados.

Plantas medicinais

Mercado para os produtos do Vale do Ribeira (em % mês)*

	Compras/mês (em R\$)
Quebra-pedra	2.738,00
Guaco	2.332,00
Espinheira-santa	1.814,00
Carqueja	966,00
Pata-de-vaca	901,00

Fonte: Fundação Florestal * No mercado paulista

Boa parte dos produtos ainda provêm de exploração ilegal, mas projetos de plantio ou manejo começam a aparecer